



CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ISABELA PEREIRA DOS SANTOS

**OS MULTIMODOS E AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES
COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA A DISLEXIA: UM
ESTUDO**

Apucarana
2022

ISABELA PEREIRA DOS SANTOS

**OS MULTIMODOS E AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES
COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA A DISLEXIA: UM
ESTUDO**

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof^a Eduardo Lemes Monteiro.

Apucarana

2022

ISABELA PEREIRA DOS SANTOS

**OS MULTIMODOS E AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES COMO
ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA A DISLEXIA: UM ESTUDO**

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, com nota final igual a _____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Mestre Eduardo Lemes Monteiro.
Faculdade de Apucarana

Prof. Mestre Sirley Biage Maldonado.
Faculdade de Apucarana

Prof. Mestre Gabriela da Silva Sacchelli.
Faculdade de Apucarana

Apucarana, ____ de _____ de 2022.

*A Deus por ter me guiado e capacitado
a chegar até o fim da minha pesquisa.*

*A minha família pelo carinho e apoio,
sempre, pois sem eles não teria chegado até
aqui.*

AGRADECIMENTOS

À minha família e namorado por terem me incentivado e acreditado no meu potencial.

Aos professores e orientador Eduardo Lemes Monteiro por terem me ajudado a passar por todos os desafios da minha pesquisa e me incentivado a melhorar meu desempenho.

Aos professores e amigos do curso, pois não foi fácil chegar até aqui, com tantos obstáculos enfrentados em meio a pandemia e que enfrentamos até hoje.

A todos que diretamente e indiretamente me ajudaram a chegar até o final.

A faculdade uma enorme gratidão por ter me ensinado e acolhido.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

Paulo freire

SANTOS, Isabela Pereira dos. **Os multimodos e as múltiplas representações como estratégia didática para a dislexia: Um estudo.** p.56. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Graduação em Pedagogia. Faculdade de Apucarana - FAP. Apucarana-Pr. 2022.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema os multimodos e as múltiplas representações como estratégia didática para a dislexia: Um estudo, sendo descrito que a dislexia é considerada um transtorno de aprendizagem, contendo uma dificuldade no reconhecimento da palavra, para isso, é necessário que seja identificado o mais cedo possível, ocorrendo menos prejuízos futuros. O objetivo geral é analisar os referenciais teóricos referentes à dislexia e às contribuições dos multimodos e das múltiplas representações exploradas com estudantes disléxicos nos anos finais do ensino fundamental, para assim, poder utilizar métodos que realmente façam parte ao ensino e aprendizagem, sem com que ocorram frustrações durante o período de estudos, pois por meio das leituras é visível perceber algumas dificuldades que os docentes enfrentam no momento em que não exista um diagnóstico ao aluno, deve-se ter muita atenção para todos os alunos com quaisquer tipos de transtornos na aprendizagem, nos quais devem ser encaminhados a especialistas qualificados por meio de equipes multidisciplinares. Para execução desta pesquisa, foi realizada uma fundamentação teórica divididas em seções. O estudo foi desenvolvida a partir de uma abordagem descritiva qualitativa, com a utilização do instrumento de pesquisa bibliográfica, no qual visa analisar e compreender as contribuições que os multimodos e as múltiplas representações oportunizam aos alunos com dislexia.

Palavras-chave: Dislexia. Multimodos e múltiplas representações. Inclusão.

SANTOS, Isabela Pereira dos. **Multimodes and multiple representations as a didactic strategy for dyslexia: A study.**p.56. Completion of course work (Monograph). Degree in Pedagogy. Faculty of Apucarana - FAP. Apucarana-Pr. 2022

ABSTRACT

The present work has as its theme multimodes and multiple representations as a didactic strategy for specific learning disorders: A study, being described that dyslexia is considered a learning disorder, containing a difficulty in word recognition, for this, it is necessary to be identified as early as possible, resulting in less future damage. The general objective is to analyze the theoretical references referring to dyslexia and the contributions of multimodes and multiple representations explored with dyslexic students in the final years of elementary school, in order to be able to use methods that are really part of teaching and learning, without them occurring. frustrations during the study period, because through the readings it is visible to perceive some difficulties that teachers face when there is no diagnosis for the student, one must pay close attention to all students with any type of learning disorders, in which they must be referred to qualified specialists through multidisciplinary teams. To carry out this research, a theoretical foundation was carried out divided into sections in which they are extremely important to be known. The research was developed from a qualitative descriptive approach, using the instrument of bibliographic research, which aims to analyze and understand the contributions that multimodes and multiple representations provide to students with dyslexia.

Keywords: Dyslexia. Multimodes and multiple representations. Inclusion.

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Fases da Escrita	38
-----------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS

ABD	Associação Brasileira de Dislexia
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
FAP	Faculdade de Apucarana
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
MMR	Multimodos Múltiplas Representações
SAEB	Sistema Nacional Avaliação Educação Básica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PROBLEMA DE PESQUISA	14
3 OBJETIVOS.....	14
3.1 Objetivo Geral.....	14
3.2 Objetivos Específicos	14
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
4.1 A inclusão no ambiente escolar.....	15
4.2 Declaração de Salamanca	19
4.3 Transtornos específicos de aprendizagem: Dislexia	20
4.4 Entendendo a dislexia e suas peculiaridades	24
4.5 A importância do apoio familiar para a unidade escolar do aluno com dislexia	28
5 OS ANOS INICIAIS E FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A ALFABETIZAÇÃO	31
5.1 Alfabetização e letramento	34
5.2 A dislexia e o processo de alfabetização	37
5.3 Os Multimodos e as Múltiplas representações.....	41
5.4 A metodologia dos multimodos e das múltiplas representações e a dislexia	43
6 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	47
6.1 Tipo de Pesquisa.....	47
6.2 Pesquisa Bibliográfica	48
6.3 Instrumento de Pesquisa.....	48
6.4 Procedimentos Aplicação da Pesquisa	49
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa expõe o estudo sobre os multimodos e as múltiplas representações como estratégia didática para os transtornos específicos de aprendizagem: Um estudo, focando em métodos que podem ser utilizados para o seu desenvolvimento, pois sabemos que acompanhar alunos disléxicos é um trabalho árduo, no qual os profissionais precisam ser capacitados para diagnosticar e os professores para ensinar.

A escolha desse tema é do interesse da acadêmica, é de conhecer e aprofundar no assunto proposto, e de um dia poder ajudar esses alunos que sofrem com essa dificuldade na leitura, facilitando meios de estratégias para concretizar a eles os conteúdos apresentados em sala. Esta pesquisa tem como objetivo de analisar os referenciais teóricos referentes à dislexia e às contribuições dos multimodos e das múltiplas representações exploradas com estudantes disléxicos nos anos finais do ensino fundamental.

A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem no componente fonológico da linguagem, dificultando na escrita e na soletração, sendo descoberta muitas vezes na fase da alfabetização do indivíduo, porém antes do seu diagnóstico, as crianças muitas vezes são rotuladas de “preguiçosas” atrapalhando ainda mais em seu desenvolvimento. O indivíduo que possui dislexia não adquiriu por meio do contexto sócio-cultural, muito menos de doença mental, visual ou auditiva, é considerada um transtorno de aprendizagem de origem neurológica. Vale mencionar que quanto mais cedo o indivíduo for diagnosticado melhor será para seu processo de desenvolvimento, pois os educadores fará atividades adaptadas para ajudá-lo, o diagnóstico é realizado por uma equipe multidisciplinar com profissionais treinados que farão vários testes de observações para analisar a dificuldade apresentada (MICHELINO et al, 2017).

Com isso, os professores precisam estar atentos desde o início da alfabetização para que os conteúdos propostos sejam adaptados de uma forma mais lúdica, para que o educando possa concretizar a sua aprendizagem. A fundamentação teórica foi dividida em alguns capítulos que irão descrever sobre: a inclusão no ambiente escolar, sobre a dislexia, a importância do apoio, alfabetização e letramento, os multimodos e as múltiplas representações, a metodologia, entre outros

capítulos que irão descrever a importância de cada tópico.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais as contribuições os multimodos e as múltiplas representações oportunizam aos estudantes com dislexia?

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar os referenciais teóricos referentes à dislexia e às contribuições dos multimodos e das múltiplas representações exploradas com estudantes disléxicos nos anos finais do ensino fundamental.

3.2 Objetivos Específicos

- Aprofundar os conhecimentos sobre a inclusão de alunos com dislexia nos Anos Finais do Ensino Fundamental;
- Compreender o que é a dislexia e como ela é entendida nos documentos oficiais e as características deste alunado;
- Discutir os processos de inclusão no ambiente escolar e as mudanças que aconteceram ao longo do tempo para a melhora da aprendizagem dos disléxicos;
- Entender sobre os multimodos e as múltiplas representações e suas contribuições para estudantes disléxicos.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 A inclusão no ambiente escolar

De acordo com Mantoan (2003), a palavra integração e inclusão podem ter significados parecidos, mas não são as mesmas coisas, elas são palavras para expressar situações diferentes, para a autora ainda existem diversas pessoas que entendem sobre o assunto de diversas maneiras contrárias, ou seja, o conceito para elas não estão bem definidos, assim Mantoan (2003,p.14) descreve que:

O uso do vocábulo “integração” refere-se mais especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, mas seu emprego dá-se também para designar alunos agrupados em escolas especiais para pessoas com deficiência, ou mesmo em classes especiais, grupos de lazer ou residências para deficientes (MANTOAN, 2003, p.14).

Com isso, a integração irá oferecer para o aluno uma oportunidade para percorrer no sistema educacional, sendo da classe regular ao ensino especial, é importante frisar que nem todos tem algum tipo de deficiência cabem no ensino regular, pois nem todos estão aptos para este ensino, sendo necessário a indicação nos programas escolares, a adaptação de atividades, avaliações, espaço físico e entre outros, para que esses alunos se adaptam em suas exigências. Sendo assim, as escolas criam métodos recursos para a educação especial no ensino regular, tendo como objetivo a inserir o aluno, considerando as necessidades do discente (MANTOAN, 2003).

A inclusão vai um pouco além da integração, pois ela não irá atingir apenas pessoas com deficiência ou aqueles que tem dificuldade na aprendizagem e sim todos os demais, para que tenham um sucesso efetivo educacional. Todos têm o direito a educação sem haver exceções, devendo sim frequentar o ensino regular dentro das salas de aula, sem discriminações por isso a importância de estar no currículo da instituição sobre a inclusão, pois os professores deverão incluir esses alunos e adaptar suas diversas atividades de acordo com cada necessidade apresentada (MANTOAN, 2003).

Todo grupamento humano é formado por pessoas que apresentam diferenças entre si. Isso se justifica, em parte, pelas características físicas e biológicas que as distinguem, como a cor dos olhos ou sua estatura. Mas as pessoas também diferem em função dos hábitos, crenças, valores e atitudes que internalizam em função das práticas

culturais do ambiente onde vivem. O respeito a essas diferenças configura-se por meio dos estudos multiculturais. A sensibilidade à diversidade humana acarreta em inclusão social. Sua negação, traduzida pela orientação de que todos devem ser iguais, termina por promover a exclusão social (PEREIRA, 2015, p.17).

Podemos perceber no nosso dia a dia, até mesmo com a citação anterior de Pereira (2015), que existem inúmeras pessoas de jeitos e maneiras diferentes, religiões diferentes, hábitos, corpo humano, pensamentos enfim, cada ser humano tem um jeito de pensar e viver de uma forma, não se pode obrigá-las a fazer ou até mesmo pensar da mesma forma que o outro, porém no âmbito escolar e também em outros lugares, se deve ter a inclusão, tenham pessoas gostando ou não, pois ressaltando, todos tem o direito a educação e deve-se respeitá-las, com isso percebe-se que existem diversidades as quais significa o respeito às diferenças:

diz respeito às diferenças, sendo estas, pautadas nas variações que as pessoas possam ter em relação aos seus atributos, capacidades e comportamentos, marcando a variabilidade de alterações, tanto do ponto de vista físico, quanto mental ou psicossocial (CUNHA, 2015, p.13).

Para Mantoan (2003) os desafios são extremamente necessários, por isso é vantajoso expulsar a exclusão e progredir na inclusão seja dentro e/ou fora da escola, a autora descreve que é fácil encaminhar alunos que tenham deficiência ou dificuldade em aprendizagem para a escola especial e "jogar" os problemas para professores "especializados", pois é como se livrar de um "problema". Por esse motivo, é importante os desafios, para que os professores que não trabalham em escolas especiais sejam cada vez mais capacitados, ganhando experiências próprias a trabalharem com esses alunos e aprendendo cada vez mais sobre incluir as crianças/ adolescentes/ jovens/ idosos que tenham algum tipo de dificuldade, sejam elas físicas ou intelectuais.

A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceites e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. No contexto educacional, vem, também, defender o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem as suas potencialidades, bem como de apropriarem as competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, que foi talhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características (FREIRE, 2008, p.05).

É necessário que as instituições escolares recriem o modelo educacional,

mesmo que seja escolas mais tradicionais ou que não atualizaram o currículo, o projeto político pedagógico para que haja projetos inclusivos para atender as especificidades dos alunos que não conseguem acompanhar a turma por problemas físicos e intelectuais, assim a adaptação do currículo poderá ser inserido sobre a facilitação de atividades, programas que reforcem a aprendizagem e vários outros meios que melhorem na inclusão e adaptação do aluno (MANTOAN, 2003).

Como a educação é para todos independente do seu jeito de ser e de suas indiferenças, é preciso que ela também seja de qualidade, não basta apenas ter um aluno incluso, vai além disso, o aluno deve estar inserido em cada atividade realizada pelos professores, precisa ter contato com o que está aprendendo, precisa ser incluso em cada situação e contexto do que será administrado, a escola na qual inclui também ajuda a formar uma sociedade de inclusão, pois os colegas de classe irão se importantando com eles de forma informada e consciente, garantindo então o direito de cidadania (FREIRE, 2008).

Cada criança tem seu próprio tempo de desenvolvimento, algumas são mais rápidas outras mais lentas, mas não quer dizer que as mais lentas não irão aprender, pelo contrário, cada ser humano é capaz de aprender qualquer coisa, independente de sua dificuldade, as vezes precisam de um método diferenciado. De acordo com Mantoan (2003), todo aluno sabe de algum conteúdo, o professor precisa partir do que o estudante já sabe, as dificuldades e limitações são reconhecidas, porém é importante não diferenciar seu ensino, depende “ de se abandonar um ensino transmissivo e de se adotar uma pedagogia ativa, dialógica, interativa, integradora” desde que o aluno compreenda (MANTOAN, 2003, p.38). Para ensinar a turma toda é “entender que a diferenciação é feita pelo próprio aluno, ao aprender, e não pelo professor, ao ensinar! Essa inversão é fundamental para que se possa ensinar a turma toda, naturalmente” (MANTOAN, 2003, p.39).

Para se ensinar a turma toda, vamos contra certas práticas consagradas nas escolas.

- Propor trabalhos coletivos, que nada mais são do que atividades individuais realizadas ao mesmo tempo pela turma.
- Ensinar com ênfase nos conteúdos programáticos da série.
- Adotar o livro didático como ferramenta exclusiva de orientação dos programas de ensino.
- Servir-se da folha mimeografada ou xerocada para que todos os alunos as preencham ao mesmo tempo, respondendo às mesmas perguntas, com as mesmas respostas.
- Propor projetos de trabalho totalmente desvinculados das experiências e do interesse dos alunos, que só servem para demonstrar a pseudo-adesão do professor às inovações.
- Organizar

de modo fragmentado o emprego do tempo do dia letivo, para apresentar o conteúdo estanque desta ou daquela disciplina, e outros expedientes de rotina das salas de aula. • Considerar a prova final como decisiva na avaliação do rendimento escolar do aluno (MANTOAN, 2003, p.39).

Como aponta Freire (2008), existem quatro eixos fundamentais sobre a inclusão: é um direito fundamental; a inclusão e a transformação da escola; a inclusão e a transformação da sociedade; a inclusão e a transformação da sociedade.

1º Eixo: É um direito fundamental, nesse eixo é descrito que o movimento inclusivo independente de gênero, classe social, grupo social entre outras características, cada criança deve ter a oportunidade de aprendizagem, como a inclusão é um direito fundamental não pode ser negado independente de suas características e também diferenças, tendo o direito à uma educação de qualidade, propõe-se com a inclusão que seja apenas um currículo para todos os alunos, para que a diferença não seja um tabu.

2º Eixo: A inclusão e a transformação da escola- Para compreender as dificuldades educacionais é preciso saber como a escola é organizada e como ela funciona, as condições que facilitam na aprendizagem dos alunos como um todo, a ajuda individual passou a ser mais visto para que assim haja uma melhoria nas instituições educativas, para isso é preciso adotar novas exigências para desenvolver melhor o seu trabalho aos alunos.

3º Eixo: A inclusão e a transformação da sociedade – Para que a educação inclusiva seja realmente efetiva não basta mudar apenas a escola, é preciso que a sociedade também mude, tornando-a mais inclusiva possível, a “ mudança da legislação é essencial, mas tem que ser acompanhada por uma mudança nas crenças e valores, já que são as crenças e valores que vão configurar o modo como é conceptualizada a inclusão” (SINGAL, 2006 *apud* FREIRE, 2008, p.12).

4º Eixo: A inclusão e a transformação da sociedade – A escola mostra os valores sociais e culturais que apresentam na sociedade, é importante ressaltar que não é apenas a escola que deve ser mudada, pois a sociedade deve ser mais inclusiva, a população deve ter valores como o respeito, saber respeitar as diferenças, portando:

A mudança da legislação é essencial, mas tem que ser acompanhada por uma mudança nas crenças e valores, já que são as crenças e valores que vão configurar o modo como é conceptualizada a inclusão, quer a nível da prática dos diferentes agentes educativos, quer mesmo, a nível político (SINGAL, 2006 *apud* FREIRE, 2008 p.12).

A integração que veio para criar caminhos aos alunos “diferentes”, a inclusão veio para defender, incluir, aceitar o ser humano como ele é, respeitando a diversidade e aceitando cada um do seu jeito de ser, com isso, a exclusão que existe em vários lugares do mundo não é um problema dos alunos em si, é um problema da escola e da sociedade na qual fazemos parte que infelizmente não aceita o indivíduo como ele é (FREIRE, 2008).

O programa de educação continuada prevê, para os educadores, estudo e discussão de casos. Quanto à avaliação, esta pode ser feita através de: provas escritas, de caráter operatório, contendo questões objetivas e/ou dissertativas, realizadas individualmente e/ou em grupo, com ou sem consulta a quaisquer fontes; provas orais, através de discurso ou arguições, realizadas individualmente ou em grupo, com ou sem consulta; atividades práticas, envolvendo trabalhos, estudos, pesquisa, criatividade, experiências práticas realizadas individualmente ou em grupo, intra ou extra-classe; observação de comportamentos, tendo por base as atitudes e os valores que se identifiquem com os objetivos da escola, ou seja, solidariedade, participação, responsabilidade, disciplina e ética (BRAGGIO, 2004 *apud* FERNANDES; PENNA, 2008, p.47).

Dessa forma, quando se fala de inclusão, não é apenas inserir o aluno, deve-se inserir em todos os contextos, seja nas atividades, no intervalo, na sala de aula e principalmente dentro da sociedade.

4.2 Declaração de Salamanca (1994)

A Declaração de Salamanca é um documento que foi elaborado na Conferência Mundial sobre a Educação Especial, localizada na Espanha em Salamanca, que tem como objetivo “fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social” (REIS, 2010, p.01). Com isso, esse documento passou a ser reconhecido e muito importante, pois nele, há uma relevância na área de inclusão para pessoas com necessidades educacionais especiais.

Essa Declaração é considerada inovadora, porque favoreceu uma ótima oportunidade para a educação especial e inclusiva, principalmente na educação, pois nela é descrito que a educação é para todos, ou seja, não importa qual a deficiência ou a dificuldade que possa ter, todas e quaisquer pessoas tem o direito a educação, é notável que isso foi uma conquista excepcional para a sociedade de aprendizagem

(REIS, 2010).

Segundo Reis (2010) houve uma expansão para esse conceito de necessidades educacionais especiais, pois todas aquelas crianças que não podiam ir para a escola tiveram esse benefício de poder estudar, esse termo de necessidades especiais não favoreceu apenas as crianças, favoreceu todas as pessoas que tinham ou que têm alguma dificuldade escolar.

Dentre estas crianças estão, por exemplo, as que sofrem sucessivas repetências; as que são forçadas a trabalhar; as que, continuamente, sofrem abusos físicos, emocionais e sexuais; as que vivem em condições de extrema pobreza ou que sejam desnutridas; as que vivem nas ruas; as que moram distantes de quaisquer escolas; as que sejam vítimas de guerra ou conflitos armados; ou as que simplesmente estão fora da escola, por qualquer outro motivo.(REIS, 2010, p.02).

Como já foi descrito acima, cada criança tem seu tempo de desenvolvimento, seja mais rápido ou lento. No entanto, Reis (2010, p.02) afirma que o “princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter”, ou seja, não importa qual o grau da necessidade que o aluno possa adquirir, mas a escola deve atender quaisquer necessidades, até mesmo acompanhando o ritmo de aprendizagem de cada um, e assegurando sempre uma educação de qualidade.

4.3 Transtornos específicos de aprendizagem: Dislexia

De acordo com Nico (2020), a dislexia é considerada um transtorno de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração, podendo ser também genético. Esse transtorno manifesta-se na fase inicial da vida das pessoas, ou seja, muito cedo, porém os sintomas dela são iguais para crianças e adultos, sendo mais facilmente identificada na infância , já que é na fase de aprendizagem e alfabetização que o aluno apresenta maior dificuldade. O Instituto ABCD¹ – (2021, s.p.) descreveu que “seus sintomas geralmente afetam o desempenho de estudantes sem que haja outra alteração (neurológica, sensorial ou motora)” é importante mencionar também que há diferentes graus de dislexia,

¹O Instituto ABCD é uma organização social sem fins lucrativos que se dedica, desde 2009, a gerar, promover e disseminar conhecimentos que tenham impacto positivo na vida de brasileiros com dislexia. Disponível em: <<https://www.institutoabcd.org.br/quem-somos/>> Acesso em: 4 mai. 2022.

normalmente descritos como leve, moderado e severo.

A Associação Brasileira de Dislexia ABD de (2016) detalha que os alunos disléxicos na, pré-escola, têm um desenvolvimento fraco na coordenação motora, dificuldade em montar quebra-cabeças, atraso na fala e da linguagem, falta de interesse pelos livros, a dispersão é sempre presente, entre vários outros conceitos. Já na idade escolar, a dispersão continua, têm dificuldade em manusear mapas, dicionários, desorganização constante em atrasos na entrega de trabalho, perda de seus pertences, dificuldade em copiar de livros e lousas, seu vocabulário é pobre com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas, ou seja têm mais facilidade em lembrar palavras curtas do que palavras longas (ABD, 2016).

Pesquisas demonstram que a habilidade de consciência fonológica, que é a capacidade de segmentar as palavras em suas menores unidades, apresenta-se com prejuízo e como um dos principais indicadores no diagnóstico de dislexia. Em uma análise feita com crianças com dislexia atendidas em uma clínica escola de fonoaudiologia, Silva e Crenitte¹¹ apontaram que em 82,6% dos casos existe algum tipo de déficit em consciência fonológica (MICHELINO et al, 2017, p.114).

O indivíduo que possui dislexia não adquiriu por meio do contexto sócio cultural, muito menos de doença mental, visual ou auditiva. Ela é compreendida como um transtorno de aprendizagem, com origem neurobiológica (ASSUNÇÃO, 2018).

São transtornos nos quais os padrões normais de aquisição de habilidades são perturbados desde os estágios iniciais do desenvolvimento. Eles não são simplesmente uma consequência de uma falta de oportunidade de aprender nem são decorrentes de qualquer forma de traumatismo ou de doença cerebral adquirida. Ao contrário, pensa-se que os transtornos originam-se de anormalidades no processo cognitivo, que derivam em grande parte de algum tipo de disfunção biológica” (CID, 1992 *apud* ASSUNÇÃO, 2018, p. 14).

Para Assunção (2018) a dislexia não tem cura, porém existem tratamentos que podem ajudar, um dos grandes impasses para o tratamento é justamente o diagnóstico, pois infelizmente as pessoas da classe menos favorecidas dificilmente poderá ter acesso aos profissionais da área que estão aptos a diagnosticar e tratar esse transtorno. Os profissionais da área irão conversar com os pais ou responsáveis da criança, caso seja um adulto, conversará com ele mesmo, com o intuito de investigar o porquê da procura pela avaliação, sendo assim irão pesquisar de como ele(a) é na escola, como é sua personalidade, os aspectos emocionais, a sua

socialização, dentre outros conceitos. De acordo com a Associação brasileira de Dislexia (ABD), o primeiro passo é realizar a avaliação neuropsicológica, porém dependendo do caso pode ser alterado.

A teoria mais comum entre os pesquisadores, para explicar a dislexia é a *déficit* fonológico, mas isso não quer dizer que todas as crianças disléxias tenham dificuldade fonológica ou que todas as crianças com dificuldades fonológicas constem dislexia, (ALGERI, 2015). A confusão fonética pode ser observada em todas as idades, pois ela é considerada um problema inicial da leitura. que são decorrentes de dificuldade no processamento fonológico, em termos cognitivo, ler as palavras é importante para seu vocabulário e conhecimento de palavras novas, pois as crianças demonstram muita dificuldade na leitura. No entanto, na língua com um código ortográfico mais transparente, a dislexia mostra-se poucos erros e com dificuldades menores, isso não quer dizer que elas não serão capazes de desenvolver habilidades alfabéticas e muito menos de ler um grande número de palavras de forma visual. Visto que esta dificuldade é uma condição neurobiológica que afeta negativamente a vida escolar do aluno (BARREIROS, 2016), uma intervenção imediata é a melhor atitude, pois com isso, a recuperação de problemas na aprendizagem pode ser mais rápida.

O diagnóstico é feito por uma equipe multidisciplinar, envolvendo profissionais de neurologia, neuropsicológica, fonoaudióloga, psicopedagoga. Ressaltando que quanto mais cedo o diagnóstico, mais eficiente será o tratamento e o indivíduo aprenderá a lidar com suas dificuldades (ASSUNÇÃO, 2018).

O diagnóstico da dislexia é uma tarefa difícil pela frequente confusão entre professores e outros profissionais competentes. O processo de avaliação é denominado por Lefèvre (1972) como uma avaliação compreensiva que deve ser sempre efetuada por uma equipe interdisciplinar, na medida em que a dislexia é uma problemática complexa que requer o trabalho conjunto de vários especialistas, professores de educação especial, psicólogos, neurologistas, terapeutas e técnicos do serviço social (PAIM, 2019, p.11).

Quando a criança entra em contato com o sistema alfabético ela enfrenta um grande desafio que é compreendê-lo, Antes disso, a criança tem um professor ou um adulto que lê para ela, em que faz a relação da escrita com o significado da palavra e não com o som, uma das maiores importâncias é mostrar para ela que as palavras tem sons melhorando sua capacidade de decodificar as palavras, visto por Algeri (2015, p.4) “conhecer os nomes ou os sons das letras torna-se uma base para o desenvolvimento da leitura e do soletramento da criança”, as dificuldades na

aprendizagem de leitura/escrita são muito grandes e diferentes.

Como descreve Pavão (2005, p.5) no artigo Dislexia e disortografia: a importância do diagnóstico é que “Nem toda dificuldade de leitura é uma dislexia e o diagnóstico deve ser feito por profissional experiente”, infelizmente em momentos do dia a dia, as dificuldades escolares podem atrapalhar, desenvolvendo alguns sentimentos como o fracasso, a frustração, o isolamento, a depressão, a agressividade, o desinteresse, a desatenção e para isso, é importante a influência do ambiente literário, podendo ser na escola ou até mesmo em casa, assim, a habilidade fonológica irá interferir na capacidade de aprender os nomes e os sons das letras.

Para tanto, quando a leitura apresenta um contexto, o leitor disléxico consegue ler e compreender melhor, influencia na leitura é fundamental, mas vale salientar que o disléxico não pode ser pressionado, pois ele poderá perder o gosto de estudo e abandonar a escola, por esse motivo a sua metodologia deve ser prazerosa. Para alguns autores e escritores, a leitura, para quem é disléxico apresenta algumas formas, com isso:

A dislexia em relação à leitura é apresentada de três formas conforme descreve Moojen (2011): - Dislexia fonológica (também chamada sublexical ou disfonética) — decorrente de falhas no sistema de conversão grafema/fonema e/ou de falhas de junção dos sons parciais em palavra completa. As dificuldades fundamentais residem na leitura de palavras não familiares, sílabas sem sentido ou pseudo-palavras, mostrando melhor situação com palavras familiares;

- Dislexia lexical (ou de superfície) — situada no uso da rota léxica (tendo preservada ou relativamente preservada a rota fonológica), afeta significativamente a leitura de palavras irregulares. Os disléxicos lexicais são escravos da rota indireta (fonológica) que é muito mais lenta em seu funcionamento, por isso são indivíduos que leem lentamente, vacilando com frequência e, em muitos casos, silabando. Os erros habituais são silabações, vacilações, repetições e retificações e, quando pressionados a ler rapidamente, cometem substituições e lexicalizações;

Dislexia mista — relacionada a problemas em ambas as rotas (fonológica e lexical) (MOOJEN, 2011 *apud* ALGERI, 2015, p.8).

Para Algeri (2015, p.8), as “chances do mesmo permanecer na escola e gostar do estudo são grandes, afinal, trata-se do enfrentamento de um novo desafio”, considerando então que nem todos os alunos se desenvolvem de maneira igual. Infelizmente, em algumas circunstâncias o disléxico é rotulado como, pouco inteligente e preguiçoso e isso pode tornar um bloqueio em sua mente, piorando no seu aprendizado, conseqüentemente as crianças se sentem deprimidas por causa da

sua dificuldade na escola. O professor deve estar atento para mediar esta situação, para que isso não se torne um grande prejuízo no futuro, sendo assim quanto mais cedo for o diagnóstico e mais cedo for o tratamento, melhor será para seu desenvolvimento.

Segundo Valett (1990) *apud* Cruz et al (2005), a pessoa que irá realizar leituras deve:

Adquirir habilidades cognitivas e perceptivas lingüísticas: Habilidade para focalizar atenção concentrada e seguir instruções; Habilidade para entender e interpretar a língua falada no cotidiano; Memória auditiva e ordenação; Memória visual e ordenação; Habilidade no processamento (codificação) de palavras; Análise estrutural e contextual da língua; Síntese lógica e interpretação da língua; 34 Desenvolvimento e expansão do vocabulário; Fluência na leitura a primeira vista e habilidade de referência (VALLET, 2009 *apud* CRUZ et al, 2005, p.33)

De acordo com Cruz et al (2005), a dislexia pode apresentar de dois modos, a dislexia auditiva e a dislexia visual. No entanto, para Jordan (1972) *apud* Cruz et al (2005) a dislexia auditiva é mais difícil para se corrigir. Por outro lado, Fonseca *apud* Cruz et al (2005) descreve que essa dificuldade auditiva seria com os sons, tem dificuldade de seguir as orientações, falta de atenção, tem dificuldade na comunicação, dificuldade em relacionar os fonemas com os nomenas e entre outras dificuldades.

No campo visual, o dislético apresenta dificuldades em perceber as imagens, não sabe diferenciar o que está perto, longe, alto, baixo, na frente, atrás e assim por diante, tem dificuldade nas formas, tamanhos, entre várias outras dificuldades.

4.4 Entendendo a dislexia e suas peculiaridades

O docente precisa estar preparado, pois é na sala de aula que será encontrado crianças com algum tipo de dificuldade e para isso não se pode discriminar ou taxar os alunos de preguiçosos, pois Ponce (2020), que se afirma dislético, tirava notas muito baixas e conseqüentemente era rotulado com esses nomes, com isso é necessário entender a dificuldade de cada aluno e conversar com os responsáveis da criança para poder buscar ajuda a um profissional especializado como: psicopedagogo, fonoaudiólogo, professores, psicólogo entre outros profissionais (ASSUNÇÃO, 2018).

Sabemos que, não é fácil trabalhar com um aluno dislético é um trabalho

árduo, mas que não é impossível de ensiná-lo. Os professores precisam estar capacitados a cada dia para estar em uma sala de aula e para transmitir seus conhecimentos para um melhor aprendizado de suas crianças, tendo um preparo atualizado antes e após do diagnóstico, ou seja, o docente precisa de um preparo em seu papel para agir assim que necessário, avisando aos familiares e a escola do possível diagnóstico sobre a dificuldade apresentada.

Assim mencionado no texto, a identificação desse distúrbio apresenta-se nos primeiros anos da escola, sendo assim, na maioria das vezes os docentes têm como tarefa de observar o desenvolvimento dos alunos para assim então, agir de uma forma adequada. Segundo Bello e Ribeiro (2018, p. 04), a “maneira de trabalhar com esses alunos é buscando técnicas, métodos e estratégias eficazes que venham contribuir com o desenvolvimento”, sendo assim, a relação aos professores as intervenções devem estar de acordo com o diagnóstico.

De acordo com Mattani (1987 *apud* BELLO; RIBEIRO, 2018, p. 05), é apontado que o “dislético deve ser incentivado, através de métodos especializados de alfabetização. Com a definição de seu distúrbio, a criança fica mais sossegada, pois não é mais chamada de preguiçosa, desatenta etc.” Sendo, importante ressaltar mais uma vez que não se deve taxar as crianças de preguiçosas ou de algum nome que seja de ponto negativo, devemos sempre incentiva-las a fazerem suas tarefas como é descrito por Mattani acima, para que seu aprendizado seja eficaz, não somente para os disléxicos mas, é de extrema importância o incentivo de suas atividades e elaborar sempre atividades que sejam prazerosas em sua trajetória de ensino, lembrando ainda, que não existe apenas um tipo de dislexia, por este motivo deve-se atentar para ser tomadas as medidas adequadas a serem realizadas, salientando que o aluno deve ser incluso na sala com os demais colegas (ALGERI, 2015).

Na prática de alguns exercícios, seja para ser realizado em casa ou em sala, visualmente pode parecer uma atividade bem simples, mas para um aluno dislético aparenta ser difícil, é claro que depende muito da atividade, pois está sujeito do nível de seu desenvolvimento. Para isso, é essencial os educadores terem métodos de ensino, Bello e Ribeiro (2018) é descrito que os métodos multissensorial e fônico favorecem ao estudante dislético, ressaltando então que cada estudante é subjetivo e que cada profissional deverá usar técnicas para a dificuldade e a necessidade da turma, um dos métodos para serem trabalhados é estimulando a leitura, escrita por meio das figuras, carimbos, atividades com músicas, jogos simbólicos, entre outros.

O dislético precisa prestar atenção nos movimentos da mão para escrever, precisa estar atento no seu olhar, na sua audição, para poder associar de como escreve a letra e do som dela, o professor então deve facilitar um ambiente estimulante de apoio (NICO; HENNIGH, 2013 *apud* MONTANARI, 2015). Para o reconhecimento de sílabas e o som, um recurso a ser utilizado é as rimas o “professor pode ler um poema, o importante é ter entonação, e depois fazer questionamentos acerca do poema e o que notou, levando o aluno a perceber a rima”. Hennigh (2003) *apud* Montanari (2015, p.22).

Outro ponto abordado é a cópia, esta é cansativa para qualquer criança, o dislético muitas das vezes vê esta atividade como castigo. Portanto, quando houver a possibilidade, sugere-se dar a atividade para o aluno já escrita, para que ele somente responda. Os trabalhos extras são importantes uma vez que possibilita ao aluno que tem dificuldade em se expressar o conhecimento aprendido pela escrita, pode realizá-los de outra forma como desenhos, colagens, fotos, maquetes, músicas (LUCA, 2012 *apud* MONTANARI, 2015, p. 25).

Pode-se perceber que é frustrante aos alunos a cópia, e que os docentes podem trabalhar com eles de uma outra forma, descobrindo assim, o gosto de cada um deles e trazendo talvez mais atividades como estas citadas acima. Vale ressaltar que o apoio da família é essencial, pois uma vez que a criança é afetada negativamente em casa, na sala de aula pode atrapalhar no seu desenvolvimento, alguns pais acham que seu filho dislético não será capaz de aprender, mas que na verdade só precisa um pouco mais de paciência e métodos que possam ajudá-lo, é importante que os pais aceitem o seu filho como ele é, e sempre elogiar suas capacidades, como por exemplo elogiando seu caderno da escola e seu comportamento (MONTANARI, 2015).

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia - ABD (2016), para poder ajudar os alunos disléxicos, os professores podem adquirir recursos multissensoriais e recursos diferentes sabendo que ele(a) aprende melhor por meio desses recursos, como: promover sempre uma visão positiva da leitura; valorizar o progresso do aluno (sempre elogiar o trabalho desenvolvido por ele(a), assim motivará em suas atividades); proporcionar situações que o dislético possa acertar, pois com isso terá uma ótima contribuição para sua autoestima, assim será importante que o professor aplique vários exemplos antes de realizar a atividade e usar sempre palavras claras, aquelas que são de um fácil entendimento, para tanto “A aula é um local de aprendizado de comportamentos onde deve possibilitar aos discentes uma

interpretação e transformação daquilo que aprendeu” (CRUZ et al, 2005, p. 56).

Cruz et al (2005) refere-se ao professor para que seja um facilitador, mantendo sempre o diálogo com o aluno, para que possa ocorrer um trabalho coletivo, pois o aluno gostando do professor automaticamente gostará também da sua disciplina, causando um ambiente mais agradável e harmonioso. Os alunos gostando do professor, tendo diálogo com ele, a porcentagem de entender o conteúdo será maior, pois não terá medo de perguntar para ser esclarecido suas dúvidas, com isso a “sala de aula deve ser um lugar prazeroso onde haja um clima bom, onde o trabalho possa ser desenvolvido de forma harmoniosa podendo assim ocorrer uma aprendizagem significativa” (CRUZ et al, 2005, p.56).

Vale considerar, que na sala de aula deve-se sempre incluir esse aluno para que não aconteça transtornos por causa de suas dificuldades, é interessante que exista trabalhos em grupos a serem realizados, para ele se sentir igual aos demais colegas, algumas vezes pode acontecer do disléxico ter vergonha de tirar alguma dúvida com o professor no meio da classe, então se ele estiver com um colega no momento, poderá se sentir mais confortável para perguntar ao amigo (ASSUNÇÃO, 2018).

Com a observação do cotidiano escolar, Titoni (2010) observa que a avaliação:

É indispensável um olhar muito seguro em relação á avaliação, sendo que o aluno deve dispor de uma forma avaliativa diferenciada dos demais, pois os disléxico tem dificuldades paraler e, em geral, pode lidar melhor com as partes do que com o todo. Assim sendo, o reeducador pode orientar os professores amelhorarem sua avaliação adotando as seguintes sugestões:1) Evitar avaliações que contenham exclusivamente textos, sobretudo textos longos; 2) Utilizar uma única fonte simples em toda a prova [...] 4) Conservar a terminologia presente no livro adotado ou no registro feito em aula; 5) Ler a prova em voz alta antes de inicia-la; 6) Dar-lhe mais tempo para realizar a prova; [...] (TITONI, 2010, p. 28).

Sendo assim, com a análise dos autores pesquisados, os professores precisam ter conhecimento das diversas deficiências, para poder trabalhar em sala de aula e utilizar métodos de aprendizagem que facilitam o entendimento dos alunos disléxicos, além de planejar as aulas, ensinar os conteúdos, devem pensar nas suas provas de como serão realizadas e no convívio social pensar em como as atividades poderão ser realizadas, deixando então que o disléxico tenha autonomia de fazer qualquer coisa sozinho.

Ao falar de dislexia esta se refere não só a problemas de leitura, mas também a problemas na escrita, nas relações espaciais, na obediência a instruções, na sequência temporal, na capacidade de memorização, entre outros problemas que afetam os indivíduos disléxicos e que tantos transtornos lhes causam na sua vida diária. Professores podem ajudar uma criança disléxica em uma classe comum, com alunos não disléxicos, a partir do uso de um critério diferenciado para a avaliação, é relevante ressaltar que o portador do transtorno possui inteligência normal, e acima de tudo, garantir que prevaleça o respeito às diferenças em sala de aula. (PAIM, 2019, p.10).

O professor precisa estar preparado para atender um aluno que tenha dislexia, pois uma vez que o professor esta "despreparado", esse aluno pode se manter isolado dentro da sala de aula além de ter desmotivação, ou seja, o docente precisa criar um amparo para ele, respeitando suas capacidades e seus limites (BARBOSA, 2014).

Além disso, o professor precisa desenvolver em sua sala de aula um clima de paciência para com seus alunos, para que as crianças possam ter tempo suficiente para cumprir suas tarefas. Do contrário, o trabalho em sala de aula para os alunos, passa a ser visto como penoso entediante e sem sentido (BARBOSA, 2014, p.16).

Contudo, a escola tem sempre que disponibilizar uma formação continuada, para que assim, possa manter ter um conhecimento sobre o aluno e sobre as necessidades que pode haver dentro da sala de aula.

4.5 A importância do apoio familiar para a unidade escolar do aluno com dislexia

A participação dos pais/ responsáveis com seus filhos é extremamente importante no contexto escolar, desde ajudar nas atividades escolares quanto perguntar como foi o dia na escola, pois as crianças podem se sentir mais motivadas em estudar. Isso não pode ser diferente com quem tem dislexia ou que tenha qualquer outra dificuldade. A pessoa disléxica se sente, muitas vezes, desmotivadas em estudar, de repente por ter comentários desnecessários, as vezes pela vergonha de não estar no mesmo ritmo da turma, enfim, existem inúmeros motivos que leva a desmotivação, Cruz et al. (2005) dizem que um dos objetivos que os familiares devem ter com o disléxico é a preservação da auto-estima.

Para ajudar o disléxico na sua auto-estima e fundamental que os professores pais e a criança compreendam a natureza do problema de

leitura, para que a própria criança desenvolva uma boa imagem positiva de se mesma. É essencial que se tenha um compromisso firme para com o valor intrínseco de uma criança com dislexia (CRUZ et al, 2005, p. 40).

Cruz et Al (2005) afirmam que quando esse disléxico encontra um amparo na família será muito mais fácil solucionar maneiras, estratégias para enfrentar suas próprias dificuldades. Com isso, é papel da família esclarecer o que é dislexia para que seu filho, para que assim possa entender e encarar ela de uma forma mais leve, para que não haja frustrações futuras, o importante é que quem tem esse distúrbio aceite-o. É significativo que a escola e família sejam uma parceria, oferecendo amor, autonomia e que os professores sempre comunique os responsáveis como está indo na escola para que esse aluno prossiga de maneira positiva em sua vida escolar, profissional, social e etc.

Os pais, professores devem manter um canal aberto de comunicação para que juntos possam discutir problemas e estratégias para encontrarem e apoiarem o estilo de aprendizagem do disléxico. Com o contato profundo entre professores e família garantirá a implantação de métodos que auxiliará a criança disléxica na sala de aula (Frank 2003). Portanto é imprescindível que haja uma interação entre família e escola, em prol da criança portadora da dislexia, os pais precisam estar sempre auxiliando a criança nos deveres escolares, dando opiniões e apoios necessários ao seu progresso. (FRANK, 2003 *apud* CRUZ et al, 2005, p.41).

Para Silva (2015), é fundamental que a família acredite na própria inclusão, buscando sempre o conhecimento sobre a tal necessidade, pois não basta apenas aceitar que seu/sua filho(a) tem dislexia, é preciso buscar um diagnóstico, conhecer sobre ela para que assim busquem a melhor maneira para que essa pessoa possa se desenvolver de uma maneira prazerosa e significativa. A autora Silva (2015) relata que existem pais nos quais não gostam que as crianças que tenham algum tipo de necessidade especial, tenham uma vida social, mas é necessário que haja sim essa socialização, principalmente no ambiente escolar, sendo dentro dele que a escola levará conhecimentos as famílias, sem falar que a criança que tem dislexia precisa ser trabalhada a autoestima, o emocional, a estimulação do desenvolvimento e sempre elogiando seus sucessos e avanços para que não se sinta inferior as suas necessidades.

Silva (2015) esclarece, que a escola sozinha não consegue fazer um papel 100%, precisa-se de uma parceria com a família, para melhorar sempre que possível

o trabalho que está sendo desenvolvido com o aluno, ressaltando “Quando a criança tem o apoio da família, a aceitação de suas limitações facilita muito o trabalho da escola” (SILVA, 2015, p.12).

O ambiente familiar é o primeiro ambiente social da criança, o qual deve ser rico em estimulação para com as primeiras experiências, dentre elas as que potencializam o desenvolvimento da linguagem, permitindo que a criança se comunique mais ativamente e com maior complexidade (PAIM, 2019, p.18).

Para os pais/ responsáveis que não aceitam a dislexia no filho ou o próprio indivíduo que não quer aceitar a sua própria dislexia, esse não é o melhor método a ser tomado, pois infelizmente a não aceitação pode gerar mais dificuldades futuras e mais frustrações, não é se “escondendo” que irá resolver o “problema”, é preciso encarar e enfrentar para que consiga superar todas e quaisquer limitações que podem ocorrer. Outro erro dos pais/ responsáveis, de acordo com Cabral (2013) é não explicando, dialogando sobre a dislexia, é recomendado enquanto criança, adolescente ou adulto que seja esclarecido sobre e procurando um tratamento.

Se a escolar desconfiar que tenha algo com o aluno, é dever a escola avisar os pais para encaminhá-lo a um profissional que entenda para ser realizado o tratamento, pois uma vez que a criança seja tratada, os profissionais da educação terá facilidade em saber como trabalhar com esse aluno. Com isso, o professor irá observar se a criança está aprendendo ou não, caso não esteja o docente terá que observar a maneira como aprende e seguir o ritmo do aluno, conforme Cabral (2013):

O conhecimento é a grande e mais forte arma. Portanto o professor deve se armar dele a fim de fazer os enfrentamentos e as intervenções necessárias, o mais precocemente possível, para que crianças portadoras de transtornos neurobiológicos não engrossem as estatísticas de evasão escolar e de analfabetos no País, antes façam parte das histórias de sucessos e realizações sociais relevantes (CABRAL, 2013, p.12).

O sucesso do aluno dependerá do estímulo em casa e como está sendo trabalhado dentro da escola, como a criança passa o maior tempo dentro do ambiente escolar, a grande interação, incentivo será dentro da escola, muitas vezes a necessidade da atenção nas atividades propostas pelos professores é necessário que seja individualizado para que esse aluno possa ter um pouco mais de concentração e entender o que se deve fazer na atividade na qual será realizada, as intervenções com especialistas são de extrema importancia para o futuro desenvolvimento da criança

que tem a dislexia (RODRIGUES; CIASCA, 2016).

A escola, por sua vez, deve primar pelo preparo contínuo dos seus profissionais, sobretudo do professor, para que o mesmo tenha melhores condições de trabalhar com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, especialmente o distúrbio da dislexia. É fundamental que o docente tenha conhecimento de causa para ter condições de apoiar a criança em sala de aula (BARBOSA, 2014, p.16).

Se faz então necessário, o apoio familiar, pois como já vimos anteriormente, devemos sempre inserir o aluno em todos os contextos, um desses lugares é dentro da própria família que infelizmente existem casos nos quais os pais não aceitam que o filho tenha algum tipo de transtorno.

5 OS ANOS INICIAIS E FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA REFLEXÃO NA ALFABETIZAÇÃO

A Constituição Federal de 1988 estabelece a educação como direito de todos e dever do Estado, declarando que a igualdade deve ser para todos em condições de acesso e permanência, com um padrão de escola de qualidade possibilitando a todos os brasileiros. O Ensino Fundamental é o ciclo mais longoda Educação Básica, pois consiste com nove anos de duração, atendendo estudantes entre 6 e 14 anos. Esta etapa divide-se em: o Ensino Fundamental Anos Iniciais, do 1º anoao 5º ano, sendo obrigatório para todas as crianças a partir dos seis anos de idade; e o Ensino Fundamental Anos Finais, compreende-se do 6º ano ao 9º ano, nesse ciclo o indivíduo já passou pelo processo de alfabetização e começa a explorar conteúdos mais complexos relacionados as diversas áreas do conhecimento

No primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, pois os alunos precisam se apropriar na escrita alfabética e articulando outras habilidades do letramento, ao longo do ensino fundamental os alunos irão ampliando a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social (SALMÓRIA, 2012).

Assim, a Base Nacional Comum Curricular BNCC de 2017 é um documento que regulamenta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras públicas e particulares de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio para garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de

todos os estudantes.

Segundo a BNCC, o Ensino Fundamental Anos Finais tem como importância “fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação” (BRASIL, 2017, p.60) os alunos tornam-se mais capazes de ver e avaliar os fatos pelo ponto de vista do outro. A escola pode contribuir para a continuação dos estudos no Ensino Médio, com um processo de reflexão sobre cada jovem possibilitando um desenvolvimento pessoal e social para eles construírem o seu futuro, o objetivo do ensino fundamental brasileiro é a formação básica do cidadão (LDB 9.394/1996), para isso, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) art. 32 é necessário:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL, 1996, s. p.).

A Base dos Anos Iniciais quanto dos Anos Finais, tem a mesma estrutura. Com base no parecer CNE/CEB nº11/2010 as áreas “favorecem a comunicação entre os conhecimentos e saberes dos diferentes componentes curriculares”, (BRASIL, 2017, p.27) quer dizer que são as áreas de forma mais ampla, ou seja, as áreas do conhecimento são divididas em: Linguagem, matemática, ciências da natureza e ciências humanas, cada área tem uma competência específica, vai dizer aquilo que precisa ser trabalhado no geral e as habilidades expressaram as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares, cada uma delas se desdobra em componentes curriculares e apresenta competências específicas de área, portanto elas são descritas de acordo com uma determinada estrutura. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica (2013) existem exigências que centram nas relações entre a escola, os pais ou responsáveis e a comunidade, a escola e os sistemas de ensino tornam-se responsáveis por:

- V Zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à

escola;

VI Articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII Informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos estudantes, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica;

VIII Notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos estudantes que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei (BRASIL, 2013, p. 21).

Na Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, é descrito que a carga horária mínima anual é de 800 (oitocentas) horas, distribuídas em 200 (duzentos) dias letivos, o calendário escolar deverá adequar-se as peculiaridades locais inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem afetar o número de horas letivas. Essa lei estabelece ao Ensino Fundamental a função de desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania, pois é na escola que os alunos ampliam suas capacidades de interagir com o meio.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), existem mecanismos nacionais de avaliação em larga escala usados pelo governo, como por exemplo a Prova Brasil, Saeb o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) tendo como objetivo avaliar a qualidade da educação oferecida aos estudantes, ou seja, o resultado da avaliação é um indicativo de como está sendo a qualidade do ensino brasileiro, é um diagnóstico da educação básica e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante, permite que as escolas e as redes municipais e estaduais de ensino sejam avaliadas, a partir de 2019, a avaliação contempla também a educação infantil, ao lado do ensino fundamental e do ensino médio.

A BNCC (2017) desempenha um papel fundamental por meio das suas habilidades e competências. Nos anos iniciais, os estudos irão articular com as experiências vivenciadas na Educação Infantil, pois ampliarão seus conhecimentos consolidando da aprendizagem anterior com essa nova aprendizagem desse ciclo, suas interações com o espaço são ampliadas e tem a construção e a afirmação de sua identidade, o aluno tem o seu processo de alfabetização iniciado, tendo acesso a atividades lúdicas que proporcionem o seu desenvolvimento motor, cognitivo e social, é nesta etapa que os alunos começam a aprender os conceitos educacionais (assuntos que darão base durante toda a educação básica), e também aprendem a ler e escrever (BNCC, 2017).

Nos anos finais, a organização sobre as lógicas de organização dos conhecimentos precisam ser retomadas dos anos iniciais e concretizar os conhecimentos, ou seja, o foco nessa etapa é consolidar e aprofundar os conteúdos, é um momento que cobra mais maturidade e é considerada uma etapa importante por representar uma base para a complexidade que será apresentada no ensino médio. No ensino fundamental, os estudantes também são incentivados a ter iniciativa, a desenvolver sua autonomia e vários outros conceitos, a única variação que ocorre é que as aprendizagens nos componentes curriculares da área de Linguagens ampliam-se, incluindo a aprendizagem de Língua Inglesa que é importante para os educadores desempenhem um papel ativo na articulação dos anseios desses jovens em relação ao seu futuro e também com a continuidade dos estudos no Ensino Médio (BNCC, 2017).

5.1 Alfabetização e letramento

Alfabetizar e letrar são processos que se ligam, porém não são as mesmas coisas “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade” (TFOUNI, 1995 *apud* BEZERRA; COSTA, 2010, p. 02).

Segundo Diogo e Gorette (2011) a alfabetização prepara o indivíduo para a leitura, à vista disso o letramento vai além de ler, é uma forma de entender a si e desenvolver a capacidade de questionar as situações com fundamento, com isso pode-se notar que:

Alfabetizar letrando é uma prática necessária nos dias atuais, para que se possa atingir a educação de qualidade e produzir um ensino, em que os educandos não sejam apenas uma caixa de depósito de conhecimentos, mas que venham a ser seres pensantes e transformadores da sociedade (DIOGO; GORETTE, 2011, p.07).

É importante que os docentes façam um diagnóstico com os alunos para identificarem o que eles já sabem e o que não sabem, para que assim possam começar seus ensinamentos, sendo efetivo para todos e que nenhum aluno fique para trás nos conteúdos, desenvolvendo então uma atitude transformadora da sociedade, os conteúdos devem ser promovidos tanto na alfabetização como o letramento, para que seja realizado o ensino-aprendizagem (DIOGO; GORETTE, 2011).

Os professores alfabetizadores precisam estar habilitados, serem competentes, criativos e cientes de sua responsabilidade de formação dos sujeitos como intelectuais e cidadãos comprometidos com a transformação social. É essencial, também, que haja discussões sobre o tema alfabetização e letramento nos cursos de formação de docentes e nos cursos ou reuniões de formação continuada, de modo que gerem reflexões sobre o tema e a prática docente, buscando soluções para problemas específicos da alfabetização e procurando desenvolver os profissionais e as instituições de ensino para que a educação tenha cada vez mais qualidade (DIOGO; GORETTE, 2011, p.8).

Com isso, percebe-se a importância desses alfabetizadores, não é apenas chegar na sala de aula e mostrar letras ou números, vai muito além disso, é fazer as crianças compreenderem o formato de cada letra e numeral, apresentando a elas objetos e situações reais para que possam assimilar e abranger seus conhecimentos com habilidades a lerem e escreverem, entendendo então, que cada elemento tem o seu próprio significado.

As dificuldades apresentadas na dislexia se torna muitas vezes um desprazer para aprender, pois para ela não faz sentido o aprendizado.

Quando isso ocorre na vida de uma criança ela se mostra desanimada e sua estima abalada, pois a alegria da descoberta e o prazer pela leitura e escrita se perde em um monte de grafias que para ela não passa de letras não compreendidas (FERREIRA, 2015, p.22).

De acordo Oliveira e Silva (2019), a alfabetização é uma fase extremamente importante para ajudar a promover a leitura, escrita, comunicação, conhecimentos, é um processo de formação dos alunos e o letramento é a compreensão de textos abordados no cotidiano, sendo facilitadas nas práticas sociais, os autores mencionam que o professor tenha domínio nos conteúdos, conhecendo metodologias adequadas para os alunos.

No cotidiano escolar é necessário fazer uso da leitura e da escrita, para que o estudante possa usufruir com competência desses saberes no seu dia a dia. Com isso, a alfabetização é um processo muito importante na escolarização, ela é considerada um alicerce para uma educação emancipadora e crítica [...] A alfabetização oportuniza as pessoas desenvolverem sua cognição, ideias, comunicação, a transmitir pensamentos, ser uma pessoa crítica e adquirir conhecimentos não só de códigos gráficos, mas também do seu significado a fim de assimilar o que está escrito (OLIVEIRA; SILVA, 2019, p. 3).

Por meio de estudos e leituras que percebemos que cada aluno tem seu

próprio ritmo de aprendizagem, ou seja, não são todos que irão aprender no mesmo tempo ou da mesma forma, o educador deve estar sempre atento em suas metodologias e perceber se está sendo adequada para a sua turma, ficando então com um olhar diferenciado para aquele que está com a aprendizagem fraca e fazer um outro método no qual se desenvolva.

Os jogos e brincadeiras são necessários para as crianças, pois são neles que os pequenos irão contruir seus pensamentos, ideias, habilidades, possibilitando muitas contribuições para sua preparação futura, com isso, é indispensável a ludicidade nesse momento tão importante na vida do estudante (OLIVEIRA; SILVA, 2019). A ludicidade é uma forma prazerosa de aprender, através de brincadeiras que permite a criança explorar o mundo para construir seus pensamentos próprios, através de experiências concretas, mas que sejam voltadas para a realidade do aluno, permitindo um desenvolvimento significativo e contextualizado (VIEIRA; OLIVEIRA, 2010).

O brincar, a brincadeira e o jogo como estruturas lúdicas prazerosas e com suas peculiaridades, são imprescindíveis ao aprender na abordagem construtivista. Tendo em vista que assim, o conhecimento é socialmente construído pelas e nas relações humanas. Relações estas que ajudam a construir os conhecimentos que darão suporte ao desenvolvimento mental (FERREIRA, 2009, p.58).

Portanto, é notável que o brincar, a brincadeira e o jogo devem estar presentes no cotidiano de todas as crianças, porque serão elas que darão o início do suporte à aprendizagem, quanto mais cedo forem estimuladas melhor será para conhecimento futuro, e despertão o interesse dos estudos.

O analfabetismo funcional é um conceito que criaram na década de 1980, segundo Santos e Mendonça (2007), para representar as pessoas com as faltas de habilidades de codificação e decodificação, e que não realizavam o uso da escrita em desiguais contextos sociais, assim, o analfabetismo envolveu pessoas com pouca escolarização e as que não dominavam a escrita alfabética. Com os estudos das autoras, o letramento e a alfabetização não é uma substituição de palavras, a leitura e os gêneros de texto não quer dizer que as pessoas tenham domínio do sistema alfabético, nas sociedades atuais o letramento foi oficialmente promovido e ainda sim existem indivíduos que são incapazes de escrever ou ler funcionalmente. (SANTOS; MENDONÇA, 2007).

A leitura e a produção de diferentes textos são tarefas imprescindíveis para a formação de pessoas letradas. No entanto, é importante que, na escola, os contextos de leitura e produção levem em consideração os usos e funções do gênero em questão. É preciso ler e produzir textos diferentes para atender a finalidades diferenciadas, a fim de que superemos o ler e a escrever para apenas aprender a ler e a escrever (SANTOS; MENDONÇA 2007, p.20).

Isso quer dizer que, é extremamente necessário a prática de leitura e escrita para conhecer diferentes conceitos de mundo e os seus significados, não é uma tarefa imediata, precisa-se praticar sempre, é um trabalho lento e que deve ser paciente aquele quem está ensinando, o professor deve ser o mediador para orientar, conversar, incentivar nesse mundo da leitura e escrita, não basta decorar a palavra, precisa ter compreensão do som da letra e compreensão do significado do vocabulário, estimulando na prática o ato de ler e escrever, é importante que o cidadão tenha o hábito de sempre querer conhecer as palavras. A inteligência para um disléxico é considerada normal, segundo Cabral (2013), pois ele pode superar suas próprias limitações.

5.2 A dislexia e o processo de alfabetização

Para Santos et al (2014), muitas vezes o que causa a dificuldade no processo de alfabetização é o distúrbio de aprendizagem. Decorrente aos dados dos autores a porcentagem de alunos que têm dificuldades na leitura e escrita é de 40% e que infelizmente é muito provável a desistência da vida escolar, a dislexia é um dos distúrbios que afeta na aprendizagem.

Pesquisar por métodos de aprendizagem se faz necessário, pois não é somente um método que será efetivo, capaz de atender todos os alunos, no processo de alfabetização é preciso haver planejamento que explore sempre com contexto, sendo indispensáveis no cotidiano escolar, o aluno precisa ter contato com a leitura, imaginar, ter um laço a ela. Não apenas aos alunos disléxicos, mas é desafiador alfabetizar letrando, a alfabetização não é apenas ensinar as letras ou números, ela é algo muito amplo, transportando vários conhecimentos de mundo, pois não é apenas decodificando que o aluno aprenderá, ele precisa saber o significado, precisa ver o que é para assim assimilar e aprender.(SILVA; MELO, 2020).

Aqueles que não sabem sobre a dislexia podem pensar que este aluno é desatento, para isso, é o papel importante ao docente a busca de informações que

sejam necessárias para que essa criança seja alfabetizada, com isso, a dificuldade que o aluno disléxico enfrenta, o professor enfrentará as dificuldades junto a ele (TABAQUIM et al, 2016 *apud* SILVA; MELO, 2020).

É fundamental que a instituição tenha seu papel inclusivo e o professor ajude da melhor forma os alunos, a comunidade educacional precisa estar ciente do que é a dislexia, para que estejam preparados a contribuir de forma efetiva na vida desses estudantes (SILVA; MELO, 2020).

[...] é importante que os educadores firmem práticas de alfabetização para esses alunos com essas dificuldades específicas, propiciando a inclusão de todos os educandos sem distinção. Desse modo, a escola deve realizar adaptações em relação à metodologia utilizada, respeitando as singularidades de cada um, evidenciando estímulos ao desenvolvimento da potencialidade do estudante (SILVA; MELO, 2020. p. 120).

As autoras Fernandes e Penna (2008) descrevem metodologias que ajudam aos alunos que tem dislexia, para elas existem dois tipos de métodos que podem ajudar, o primeiro se chama método multissensorial, como o nome já fala, trabalhará concepções sensoriais.

A facilidade desse método se atribui à combinação e conexão dos diversos aspectos ao aprendizado da escrita, a saber:

- A forma ortográfica da palavra – aspecto visual;
- A forma fonológica – auditiva;
- A modalidade sinestésica – os movimentos necessários para a escrita da palavra. (MONTESSORI, 1948 *apud* FERNANDES; PENNA, 2008, p. 43).

Nesse método multissensorial, fará com que o aluno tenha um significado da palavra na forma de uma imagem (DAVIS, 2004 *apud* FERNANDES; PENNA, 2008). O segundo método se chama fônico, ele tem o objetivo de levar o aluno a leitura e a escrita, desenvolvendo habilidades metafonológicas e grafofonêmicas.

Através de experiências com alunos que apresentam dislexia, constatou-se que eles apresentam dificuldades em discriminar, segmentar e manipular, de forma consciente, os sons da fala. Esta dificuldade pode ser melhorada através de atividades sistemáticas e objetivas de consciência fonológica, apresentando bom resultado tanto na alfabetização de crianças disléxicas como no ensino regular de crianças sem distúrbios de leitura e escrita (FERNANDES; PENNA, 2008, p. 43).

No entanto, as autoras Fernandes e Penna (2008) retratam que os direitos e

deveres dos disléxicos não são diferentes dos demais, pois sua dificuldade faz com que não tenha gosto pelo o estudo, para isso o educador deve ajudar a desenvolver atitudes positivas para haver esse gosto, proporcionando dicas e atalhos para resolver os problemas como por exemplo provas de discriminação, memória entre outros para poder distinguir as habilidades cognitivas.

Segundo Marco (2020) o processo de alfabetização também deve ser prazerosa, o professor é uma das principais ferramentas, para que o disléxico tenha interesse nos estudos, pois é o educador que fará toda a diferença durante esse processo de alfabetização, com certeza a alfabetização é um processo delicado, porém a partir do momento que este aluno se sinta encorajado e motivado tudo ficará mais fácil. Entretanto, não é apenas o aluno que deve gostar do professor, o docente também deve gostar e ter o gosto de ensinar.

A família também é responsável por despertar o interesse pelo aprender. Quando ela é envolvida com o processo de ensino e aprendizagem do educando, a sua autoestima será elevada e este passará a ter maior confiança, recebendo a motivação essencial para enfrentar os desafios. É proveitoso que os responsáveis tenham conversas frequentes com a professora, referentes ao aprendizado da criança e orientações a serem seguidas de acordo com o recomendado para que, assim, a aprendizagem ocorra de forma positiva, pois muitas vezes a dislexia não é compreendida pela família e escola, ocasionando efeitos negativos no emocional do disléxico (MARCO, 2020, p. 30).

A escola deve ser um ambiente acolhedor, igualitário que respeita as diferenças seja ela qual for, com profissionais preparados principalmente em séries iniciais onde ocorre o processo da alfabetização, mas na visão de Reis (2018) infelizmente a escola não está preparada para receber o aluno que tem dislexia, apesar de ser o lugar onde é muitas vezes identificado este transtorno, mesmo havendo política que defenda a educação especial/ inclusiva, essas crianças são vistas como seres incapazes no qual precisa ser mudado. A alfabetização é um período extremamente importante para qualquer indivíduo, sendo nela que a criança construirá seus pensamentos, colocarão em prática as reflexões e irão transformar suas informações em conhecimentos enfrentando os desafios (REIS, 2018).

Quadro 1 – Fases da Escrita

Nível pré-silábico:	<p>- Não se busca correspondência com o som; as hipóteses das crianças são estabelecidas em torno do tipo e da quantidade de grafismo. A criança tenta neste nível: - Diferenciar entre desenho e escrita; - utilizar no mínimo duas ou três letras para poder escrever palavras; - Reproduzir os traços da escrita, de acordo com seu contato com as formas gráficas (impressa ou cursiva), escolhendo a que lhe é mais familiar para usar nas suas hipóteses de escrita; - Percebe que é preciso variar os caracteres para obter palavras diferentes.</p>
Nível silábico:	<p>A criança compreende que a diferença na representação escrita está relacionada ao "som" das palavras, o que leva a sentir a necessidade de usar uma forma de grafia para cada som. Utiliza os símbolos gráficos de forma aleatória, usando, ora apenas consoante, ora apenas vogal, ora letras inventadas, repetindo-se acordo com o número de sílabas das palavras.</p>
Silábico alfabético:	<p>Convivem com as formas de fazer corresponder os sons, as formas silábicas e alfabéticas ela pode escolher as letras ou de forma ortográfica ou fonética. O nível alfabético é o último nível na aprendizagem da escrita. Momento em que o aluno chega aos seguintes entendimentos: - A sílaba não pode ser considerada uma unidade e que pode ser separada em unidades menores; - A identificação do som não é garantia da identificação da terra, o que pode gerar as frequentes dificuldades ortográficas; - a escrita supõe a necessidade da análise fonética das palavras.</p>

5.3 Os Multimodos e as Múltiplas representações

Segundo Giehl (2018), os multimodos são diferentes jeitos de representar e de apropriarem definições/conceitos que os alunos possam compreender de formas diferentes. Já as múltiplas representações está ligada ao entendimento da prática que representa o conceito ou o processo científico de diversas formas, esses dois termos estão ligados, ambos se complementam e não devem se desunir, portanto os multimodos é uma forma de representação e as múltiplas representações é um recurso que será realizado (GIEHL, 2018).

Ainsworth (1999 *apud* GIEHL, 2018) que as múltiplas representações possuem três funções, que são: Complementar, restringir e construir. A complementar se define em uma representação que acrescenta a outra, dessa forma o aluno pode ampliar essa “representação”. Em segundo, o “restringir” poderá ter uma interpretação da primeira, aproveitando para ser aprimorado. Por último, o “construir” será a construção da representação para que se torne mais profunda, através do conteúdo estudado. Consequente, o docente possibilitará favorecer a prática de ensino e aprendizagem e a escola aparar os objetivos paran então que os alunos se sintam competentes e haja uma sociedade construtiva (GARDNER, 1995 *apud* GIEHL, 2018).

Na sala de aula, os professores estão habituados a usar simultaneamente duas formas de registros: a escrita e a oral. Salienta-se no texto de Duval (2006) que é necessário incluir outras formas de representações. No mesmo sentido, observase que os estudantes possuem certos bloqueios à transformação de representações, à interpretação dos conceitos em um contexto diferente, expressando assim, um desafio para o ensino, tornar os alunos capazes de desenvolverem a capacidade de transformação dos registros de representação (DUVAL, 2006 *apud* GIEHL, 2018, p.31).

Pode-se observar com a citação a cima, que existem “bloqueios” à transformação de representações, sendo que, qualquer indivíduo é capaz de transformar esse registro de “representações” para seu contexto e sendo desenvolvido uma prática na qual consigam ir além do que já sabem, e sempre conseguindo se expressar o que já aprendeu. É necessário que o professor sempre crie novas formas, e sair do apenas (escrita e oral).

A aprendizagem acontece em todos os lugares, em casa, na igreja, na rua, mercado, loja, entre outros ambientes, quando acontece a aprendizagem é causado algum significado, portanto a fala e a escrita são gerados uma definição, como por

exemplo, a palavra cadeira nos gera um conceito, que é o de sentar, e nós automaticamente, quando lemos ou ouvimos “cadeira” já imaginamos esse objeto de alguma forma. Com isso, as maneiras representacionais, promovem significados (SOUZA et al, 2017).

O ensino Multimodos Múltiplas Representações (MMR) traz a capacidade de ressaltar os conceitos que foram estudados de formas diferentes, pois com essas “formas”, a aprendizagem do aluno pode ser mais eficiente, para isso, os alunos também devem ser estimulados, o docente poderá mostrar, imagens, vídeos, figuras, gráficos, entre outros métodos a serem trabalhados, sendo processo ativo na cognição, mas é necessário que o educando tenha curiosidade e seja incentivado nas atividades, independente de como elas sejam, pois quando eles são estimulados é mais fácil de ser visto o “significado” daquilo que está sendo aprendido, facilitando então, no ensino e aprendizagem (GIEHL, 2018).

Segundo Laburú, Zompero e Barros (2013 *apud* GIEHL, 2018), é de suma importância que os alunos expressem seus conhecimentos, com organização, estruturação no qual seja aprimorado, oportunizando a construção desse conhecimento, um dos sujeitos principais nesse processo é o professor, ele irá transformar e criar possibilidades de múltiplas representações que possam possibilitar a evolução do estudo, não apenas para o aluno, mas para o docente também, pois da mesma forma que o aluno irá aprender, o professor buscará informações que complementem para a sua formação e criando um aumento com sua própria capacidade mental.

Na aprendizagem significativa, o estudante deve usar seus significados iniciais de maneira não arbitrária, podendo reconciliar os novos significados, comparando e reorganizando, construindo e produzindo assim seu conhecimento (MOREIRA, 2011, p. 226). Contudo, pode-se dizer que o estudante alcança uma aprendizagem significativa quando, além de construir representações a partir de seus conhecimentos prévios, demonstra desempenho na conversão de significados entre diferentes representações, integrando-os num discurso multimodal, não sendo dependente de uma única forma de expressão (LABURÚ; SILVA, 2011, p. 20 *apud* GIEHL, 2018 p.34).

Entretanto, Giehl (2018, p.36) ressalta que as múltiplas representações estão:

[...] associadas às diversas formas de representar um determinado conteúdo, como por exemplo, textos, experimentos, desenhos; já os multimodos tratam-se da forma como este conteúdo é transmitido, a forma de comunicação utilizada (GIEHL, 2018, p.36).

Os estudantes precisam compreender os conceitos científicos em diferentes modos de representação, não ficando apenas no que já conhece, e sim, buscando ampliações que façam seu entendimento se tornar mais eficaz, a autora Greszczyszyn (2017, p. 17) descreve que seja entendido através de “linguagens gráficas, verbais, diagramáticas, gestuais, numéricas, que envolvem retratos, mapas, cartas, equações, tabelas, entre outras representações”, é importante destacar que nas pesquisas sobre esse assunto abordado é representado como uma integração no discurso de diferentes modalidades no qual seja para ser representado o raciocínio, conceitos e os resultados (GRESZCZYSCZYN, 2017).

Ainsworth (1999 *apud* GRESZCZYSCZYN, 2017) define que as múltiplas representações está ligada a compreensão do conteúdo, evitando alguns obstáculos que podem surgir e se comprometa no processo de ensino e aprendizagem. A autora menciona que cada aluno tem habilidades diferentes:

É necessário considerar que diferentes alunos possuem preferências variadas, além de características individuais que vão desde seu raciocínio, habilidade verbal, operacional, vocabulário, gênero e idade. Assim, uma representação é complementar a outra, e a soma destas geram vantagens que visam atingir uma quantidade maior de alunos na questão ensino-aprendizagem (GRESZCZYSCZYN, 2017, p.19)

Cada aluno tem seu tempo para aprender, alguns indivíduos aprendem muito rápido determinado assunto, já outros, é preciso de um tempo maior para absorver, com isso, se o professor utilizar um conjunto de representações, os educandos não ficaram “limitados” por ter apenas um tipo de representação, é notório a importância dessas representações no cotidiano escolar, porque, caso o aluno não aprenda com as imagens adotadas pelo professor, terá os vídeos para que ele entenda melhor o assunto, então com apenas um tipo de atividade pode-se dizer que é insuficiente para transmitir o total das informações para gerar o conhecimento (GRESZCZYSCZYN, 2017).

5.4 A metodologia dos multimodos e das múltiplas representações e a dislexia

O modo de ensinar será o que irá interferir na aprendizagem do aluno, não basta ter ouvido/ lido/ discutido, sobre o assunto apenas uma vez, se faz necessário sempre ter em prática aquilo que será aprendido. Como foi descrito ao decorrer desta

pesquisa, cada indivíduo tem seu “tempo” para aprender, uns mais rápidos, outros demandam um pouco mais de tempo, contudo os multimodos e as múltiplas representações vieram para mostrar e possibilitar as formas de métodos nos quais visam melhorar no processo da aprendizagem (GIEHL, 2018), para isso, os docentes precisam sempre buscar e inovar suas aulas para que aconteça a compreensão de tudo o que está sendo aplicado e ensinado.

GIEHL (2018), decreve que os multimodos representa formas diferentes do discurso, tendo uma finalidade de apropriação dos conceitos através de discurso científico (verbal), já as múltiplas representações está interligadas a “prática” de representar o conceito. Por conseguinte, esses termos não podem se separar, pois um completa o outro, dessa forma, tudo dependerá como será essa forma de representar.

Quando se pensa numa aprendizagem efetiva, é indispensável que se atente para as necessidades e preferências cognitivas individuais. Sendo assim, quando se trabalha com um determinado modo representativo, pode-se potencializar a eficácia para aprimorar a elaboração de ideias de um aluno em particular, auxiliando-o a ultrapassar obstáculos conceituais de representações mais abstratas (GIEHL, 2018, p. 30).

Logo, o educador precisa conhecer seus alunos, suas dificuldades e assim ensina-lo, para o aluno que tem dislexia é de suma importância esse docente conhecer o processo de aprendizagem e busque o interesse para adquirir o desenvolvimento, juntamente com a prática inclusiva, para que não haja um exclusão desse aluno ou que seja apenas “passado” para frente, entretanto o educador deverá ajudar e prepara um método no qual ele necessita (DOMIENSE, 2011).

Em 2019 ocorreu uma pandemia por causa da Covid-19, que infelizmente atrapalhou inúmeros fatores, um deles foi na área da educação que ocasionou um atraso no desenvolvimento dos alunos em geral, devido ao surgimento desse vírus. As aulas que eram de forma presenciais, passou à ser a distância - de forma on-line, provocando o desinteresse nos estudantes ou até mesmo por não terem condições de assistir, devido a falta de internet, no qual não tinham condições de pagar, ou não tinham um equipamento para assistir as aulas. Dessa maneira, já da para perceber a dificuldade de estar conectados as aulas, fora os outros inúmeros fatores. Para tanto, hoje em 2022 é notório a dificuldade dos alunos nos conteúdos, muitos não aprenderam nada durante a pandemia decorrendo um atraso de dois anos, mais ou

menos. Os professores estão precisando voltar nos conteúdos para das sequências neles, pois não obtiveram toda a aprendizagem, esses profissionais tiveram que adaptar seus métodos, avaliações e de se acostumarem com essas mudanças (BARBOSA, 2021).

Segundo Oliveira (2013), é preciso que a aprendizagem venha no decorrer de cada ano aprimorar o conhecimento do aluno, e para que isto aconteça de forma positiva, é necessário que os educadores, estejam conscientes das dificuldades que alguns de seus alunos possam vir a ter em relação à aprendizagem (OLIVEIRA, 2013 *apud* BARBOSA, 2021, p.193).

Para os alunos que têm dislexia, o período de aulas remotas podemos imaginar como pode ter sido difícil a compreensão do assunto proposto, principalmente nas disciplinas que ele têm uma dificuldade maior, agora imaginamos como será para aqueles que estavam no primeiro ano da alfabetização e que agora está no terceiro ano do Ensino Fundamental – anos iniciais, será que eles foram alfabetizados e letrados? Será que conseguiram enfrentar os desafios nessa pandemia? percebemos com os multimodos e múltiplas representação precisam estar presentes no cotidiano, no qual todos os educadores devem conhecer, pois não basta apenas ler o conteúdo ou dar apostilas a serem realizadas, devem abrir a mente e despertar a curiosidade, a vontade dos alunos quererem aprender, sempre colocando em prática.

De fato, quando o professor utiliza variadas representações, possibilita o enriquecimento de sua prática docente e, conseqüentemente, do processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, o propósito da escola deveria ser o de desenvolver as inteligências e ajudar os estudantes a atingirem seus objetivos de forma que possam se sentir mais engajados e competentes, portanto, mais inclinados a servirem à sociedade de uma maneira construtiva (GARDNER, 1995, p. 15 *apud* GIEHL, 2018, p. 31).

Diante disso, a escola existe para que os estudantes aprendam e sejam parte integrante da sociedade, as pessoas que tem dislexia tem dificuldades em alguns conteúdos, não quer dizer que eles não aprendam, ou que eles vão mal em todas as disciplinas, esses alunos podem ir super bem na disciplina de Ciências por exemplo, caso o professor dê alguma atividade e o aluno não sabe escrever sobre o assunto ele poderá representar em forma de desenho, maquete, história em quadrinho, ou seja, existem várias formas para esse educando seja avaliado, só porque ele não escreveu, não quer dizer que não sabe, mas sim que se desenvolve melhor em um

outro tipo de atividade que não seja escrevendo, é claro que existem disléxicos alfabetizados e que conseguem escrever bem e com compreensão, mas temos que lembrar que devemos desenvolver estratégias e múltiplas representações a esses alunos.

Ao se afirmar que um aluno está aprendendo algo, pode-se dizer que este deve ser capaz de mobilizar os conhecimentos dentro e fora da representação em que está sendo trabalhada, ou seja, que possa expressar o que aprendeu através de um novo tipo de representação. A maioria dos estudantes é incapaz de aplicar os conhecimentos adquiridos quando sai das fronteiras do registro estudado (LABURÚ; SILVA, 2011, p. 14a). Na sala de aula, os professores estão habituados a usar simultaneamente duas formas de registros: a escrita e a oral. Salienta-se no texto de Duval (2006) que é necessário incluir outras formas de representações. No mesmo sentido, observase que os estudantes possuem certos bloqueios à transformação de representações [...] (GIEHL, 2018, p.31).

Enfim, os multimodos e as múltiplas representações devem ser inseridas em todos os contextos de ensino aprendizagem, e em todas as disciplinas, isso ajudará muito o aluno disléxico, pois, caso não obtenha todo o conhecimento de algo, será possível aprender de outra forma e até mesmo mostrar que sabe de outra maneira de atividade, todos os professores devem fazer essa prática de maneira ativa para que possam ter um melhor desempenho de seus alunos.

6 METODOLOGIA DA PESQUISA

6.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa é de cunho qualitativo a qual tem como objetivo analisar os referenciais teóricos sobre a dislexia e as contribuições dos multimodos e das múltiplas representações exploradas com estudantes disléxicos nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Para a pesquisa qualitativa acontecer, o pesquisador irá em busca de dados através de escritas envolvidas com o determinado assunto, a fim de ter pontos de vista relevantes, assim, os dados coletados sejam analisados em direção a entender a dinâmica do fenômeno, com isso, esse estudo qualitativo pode ser acompanhado através de diferentes caminhos (GODOY, 1995).

Esta pesquisa será realizada a pesquisa qualitativa descritiva, dessa maneira, segundo Godoy (1995, p. 62) a pesquisa qualitativa descritiva, visa “à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados” ressalta ainda que os pesquisadores “estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto”. Sendo assim, os pesquisadores querem saber o determinado fenômeno que se manifesta nas atividades.

Com isso, Neves (1996, p.2) apresenta que os investigadores buscam analisar o contexto dos métodos qualitativos para integrar uma melhor compreensão do fenômeno e na sua característica de pesquisa é que:

Os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados; não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico (adequada para fenômenos claramente definidos), mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambiguidade. O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador (NEVES, 1996, p. 1).

Para tanto, os dados coletados são muito importantes para a construção do conhecimento ao pesquisador, sendo assim, é preciso buscar e entender o fenômeno da pesquisa, para que haja um levantamento das informações coletadas, mas é preciso que as ideias sejam objetivas, transparentes e reproduzíveis.

6.2 Pesquisa Bibliográfica

Segundo Brigagão (2019) a pesquisa bibliográfica é construída em materiais já elaborados, com embasamento principalmente de livros e artigos científicos.

A pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia existente e outrora publicada, seja em livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A finalidade da pesquisa é permitir que o pesquisador conheça diretamente todo o material escrito sobre determinado assunto, contribuindo para o uso destas informações. Assim, ela pode ser considerada como primeira etapa de toda a pesquisa científica (MARCONI; LAKATOS, 1992 *apud* BRIGAGÃO, 2019 p.02).

Para realizar esse tipo de pesquisa, o pesquisador deve ser cuidadoso para que não amplie erros, pois nas leituras e nos dados coletados podem acabar sendo processados de uma forma equivocada, ou seja, o pesquisador deve analisar com profundidade a cada informação descoberta, utilizando diversas fontes e autores. Pizzani et al (2012, p. 01) explica que “A pesquisa bibliográfica é uma das etapas da investigação científica e — por ser um trabalho minucioso — requer tempo, dedicação e atenção por parte de quem resolve empreendê-la.” Em seguida Volpato (2000) *apud* Pizzani et al (2012) vai descrever que o tema da pesquisa precisa estar claro e definido para que assim, os termos expressem o seu conteúdo.

Os mesmos autores destacam que existem três tipos de fontes: Fontes primárias, secundárias e terciárias. As fontes primárias são trabalhos publicados pela primeira vez, as secundárias são os trabalhos que não são originais e que citam, interpretam os originais, e por fim são as fontes terciárias que será a junção da primeira com a segunda, com ou sem o resumo (PIZZANI et al. 2012).

Para tanto, a pesquisa é desenvolvida por meio de materiais já elaborados em assuntos no qual o pesquisador está procurando dados que responda sua pesquisa.

6.3 Instrumento de Pesquisa

O instrumento a ser utilizado na pesquisa será a pesquisa bibliográfica com o objetivo de analisar os referenciais teóricos referentes a dislexia e as contribuições dos multimodos e das múltiplas representações exploradas com estudantes disléxicos nos anos finais do ensino fundamental para um possível entendimento sobre o assunto proposto.

6.4 Procedimentos Aplicação da Pesquisa

Foi realizada a pesquisa bibliográfica, para obter um entendimento maior sobre as contribuições dos multimodos e das múltiplas representações exploradas com estudantes disléxicos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se concentrou nos multimodos e as múltiplas representações como estratégias didáticas para os transtornos específicos de aprendizagem: Um estudo. Foi realizado um estudo bibliográfico no qual foi observado que os multimodos e as múltiplas representações devem ser mais trabalhadas com todos os alunos em geral, e também com alunos disléxicos.

Destacamos a importância que o docente tem sob o aluno, como é necessário os docentes terem métodos e estratégias para que trabalhem com alunos que tem a dislexia, sempre estando dispostos a ensinar e inserir esse indivíduo dentro da sala e conseqüentemente na sociedade.

Para tanto, o aluno disléxico é capaz de aprender todos os conteúdos e quaisquer assuntos, o que acontece é que em determinada temática/ matéria, esse aluno tenha um pouco de dificuldade em compreender ou até mesmo de como resolver as atividades, com isso o professor irá acolhe-lo e aplicar um método que seja eficaz no seu ensino e aprendizagem.

Durante essa pesquisa, observou-se que o aluno disléxico aprende sim, porém ele precisa de formas diferenciadas para aprender, no ensino de geografia por exemplo, ao invés do aluno descrever quais são os tipos de moradia, pode-se representar através de maquetes ou até mesmo desenhos, com isso, é notório visualizar que caso o aluno não descreva por escrito o que são os tipos de moradias, ele irá representar de outra maneira e provando que sabe do assunto, ou seja, os multimodos e as múltiplas representações devem estar presentes no seu cotidiano.

Desta maneira, considera-se necessário que os professores tenham conhecimentos sobre os multimodos e as múltiplas representações e que haja mais estudos sobre esse assunto, para que seja concretizado nas escolas em geral, para que haja metodologias assertivas no processo da aprendizagem e que seja quebrado o tabu que alunos com transtornos, “não aprendem”, pois todos nós somos capazes de aprender de alguma maneira.

REFERÊNCIAS

ABD, **Associação Brasileira de Dislexia**. Como interagir com o disléxico em sala de aula, 2016. Disponível em: <<https://www.dislexia.org.br/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula/>>. 30 de maio de 2021.

ALGERI, Marinês. Dislexia: Uma desordem do aprendizado. **Rei revista de educação do Ideau**, Sertão, v.10, n.22, p.1-12, julho/dezembro, 2015. Disponível em: <https://www.bage.ideau.com.br/wp-content/files_mf/5faee41c9906c86a6a2ea89e569b5a20280_1.pdf>. Acesso em: 24 de outubro de 2021.

ASSUNÇÃO, Gabriele. **A dislexia e os desafios no processo de aprendizagem da língua portuguesa**. Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2018. Disponível em: <<https://www.dislexia.org.br/wp-content/uploads/2018/09/ASSUN%C3%87%C3%83O-Gabrielle.pdf>>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

BARBOSA, Claudia. **dislexia: dificuldades de aprendizagem na escola**. Medianeira, 2013. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20858/2/MD_EDUMTE_2014_2_19.pdf> Acesso em: 27 de dezembro de 2021.

BARBOSA, Frederico Celestino. **Educação: processo contínuo de desenvolvimento**. 1 ed. 290 f. Piracanjuba: Editora Conhecimento Livre, 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220216015106id_/https://api.conhecimentolive.org/eyJ-api/storage/app/public/L.385-2022.pdf#page=193> Acesso em: 18 de julho de 2021.

BARREIROS, Soraia. **Dislexia**. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2016. Disponível em: <https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/B004372.pdf> Acesso em: 29 de agosto de 2021.

BELLO, Karina; RIBEIRO, Vanessa. Metodologias de ensino no processo de ensino aprendizagem de alunos com dislexia no ensino fundamental I. **Revista-cosmoacadêmico**, Cariacica, v.1, n.3, p.7-15, agosto/dezembro, 2018. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/04/revista-cosmos-academico-3.pdf>>. Acesso em: 25 de agosto de 2021.

BEZERRA, Maria; COSTA, Vanda. Alfabetização e letramento, ensino da leitura e escrita nas séries iniciais: algumas considerações. **3º Anped Norte**, Tocantins, Issn:2595-7945, 2021. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/21/8739-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 05 de janeiro de 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Ministério da Educação. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf> Acesso em: dia mês. 30 de setembro de 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: 1996.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 14 de agosto de 2021.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Acesso em: 14 de agosto de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.

Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília:

MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file> Acesso em: 23 de abril de 2021.

BRASIL, Ministério da Educação (2018). **Prova Brasil**.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil> Acesso em: 23 de abril de 2021.

BRIGAGÃO, Esder Limírio. Pesquisa bibliográfica: ampliando horizontes. 192-201 p. **Revista Saberes Acadêmicos**, 2019. Disponível em:

<http://rsa.fcetm.br/index.php/rsa/article/view/35> Acesso em: 24 de agosto de 2021.

CABRAL, Gilson Maroni. A alfabetização de crianças com patologia de dislexia e/ou TDAH. 12 p. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades: OPET**, 2013. Disponível em: <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-engenharias/pdf/old/n5/ARTIGO-GILSON.pdf> Acesso em: 06 de fevereiro de 2022.

CRUZ, Carmene de Souza. et. al. **Dislexia: um desafio para os professores**. Brasília: UNICEUB, 2005. Disponível em:

<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/6716/1/40303724.pdf> Acesso em: 13 de setembro de 2021.

CUNHA, Pollyana. **Neurociência e educação: a estimulação cognitiva como possibilidade de intervenção na educação inclusiva**. Brasília, 2015. Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15833/1/2015_PollyanaAparecidaFCunha_tcc.pdf Acesso em: 15 de fevereiro de 2022.

DIOGO, Emili; GORETTE, Milena. Letramento e alfabetização: Uma prática pedagógica de qualidade. In: x congresso nacional de educação – Educare, 2011, Curitiba, **PUCPR**. Disponível

em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5806_2767.pdf. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

DOMIENSE, Maria do Céu de Souza. **Dislexia: um jeito de ser e de aprender de maneira diferente**. 70 f. Monografia (Curso de especialização em desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar). Brasília: Universidade de Brasília, 2011. Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3359/1/2011_MariadoCeudeSouzaDomienne.pdf Acesso em: 29 de julho de 2021.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n°24, p. 213-225, 2004. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLHy4XhdJsChj7YW7jh/?lang=pt&format=pdf>>.
Acesso em: 14 de novembro de 2021.

FERNANDES, Rosely Aparecida. PENNA, James dos Santos. Contribuições da psicopedagogia na alfabetização dos disléxicos. v. 2, n. 1, 29- 49 p. Guarulhos: **Revista Terceiro Setor**, 2008. Disponível em:
<<http://revistas.ung.br/index.php/3setor/article/view/400/485>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

FERREIRA, Sara Lima. **Alfabetização e dislexia, um caminho a percorrer**. 41 p. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2015. Disponível em:
<http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N207063.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2021.

FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. v. XVI, n. 1. 5-20 p. **Revista da Educação**, 2008. Disponível em:
<<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5299/1/Um%20olhar%20sobre%20a%20Inclus%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 16 de dezembro de 2021.

GIEHL, Leidi. **Contribuições da estratégia de ensino dos multimodos e múltiplas representações para a abordagem do conteúdo de semicondutores no ensino médio**. Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em:
[file:///C:/Users/Isadora/Downloads/Leide Katia Giehl 2018.pdf](file:///C:/Users/Isadora/Downloads/Leide%20Katia%20Giehl%202018.pdf)> Acesso em: 25 de janeiro de 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p.20-29, mai./jun.1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>.
Acesso em: 23 de abril de 2021.

GRESCZYSCZYN, Marcella Cristyanne Comar. **Múltiplas representações para o ensino de química orgânica: uso do infográfico como meio de busca de aplicativos**. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza). Londrina: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2017. Disponível em:
<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3018/1/LD_PPGEN_M_Greszczyszyn_Marcella%20Cristyanne%20Comar_2017.pdf>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2022.

Instituto ABCD. **O que é dislexia**. 2021. Disponível em: <<https://institutoabcd.org.br/o-que-e-%20dislexia/#:~:text=A%20dislexia%20%C3%A9%20considerada%20um,que%20ju%20stifique%20as%20dificuldades%20observadas.>>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

Instituto ABCD. **Quem somos?** 2021. [online] Disponível em: <<https://www.institutoabcd.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

MARCO, Alessandra de. **Dislexia no âmbito escolar e a alfabetização**. 46 p. Bento Gonçalves: Universidade de Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8483>> Acesso em: 25 de julho de 2021.

MICHELINO, Matheus; CARDOSO, Amanda; MACEDO, Elizeu. Desempenho em testes psicopedagógicos e neuropsicológicos de crianças e adolescentes com dislexia do desenvolvimento e dificuldade de aprendizagem. **Rev. Psicopedagogia**. São Paulo, v.34, n. 104, p.111-125, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n104/02.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2021.

MONTANARI, Rafaela. **Uma análise sobre dislexia na escola**. Rio Claro: UNESP, 2015. Disponível em: <paimunesp.br/bitstream/handle/11449/128229/000851153.pdf?seq%20uence=1>. Acesso em: 19 de dezembro de 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 1 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2003. Disponível em: <<http://www.epsinfo.com.br/INCLUSAO-ESCOLAR.pdf>>. Acesso em: 22 de julho de 2021.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, V. 1, n.3, 2º sem. 1996. Disponível em: <https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf>. Acesso em: 25 de agosto de 2021.

NICO, Maria; GONÇALVES, Aurea. **Como lidar com a dislexia**. São Paulo: Hogrefe, 2020.

OLIVEIRA, Naiara; SILVA, Diogo. A importância da alfabetização e do letramento. Faculdade Sant'Ana Em **Revista**, **3(2)**, p. 190-203. 2019. Disponível em: <<https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/567>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

PAIM, Verônica da Rosa. **Percepções da criança com dislexia e sem apoio familiar**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/6029/TCC%20Ver%c3%b4nica%20da%20Rosa%20Paim.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 30 de outubro de 2021.

PAVÃO, Vânia. Dislexia e disortografia: a importância do diagnóstico. **Instituto de Gestalt – Terapia e atendimento familiar**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 1-6, 2005. Disponível em: <<http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/37>>. Acesso em: 19 de dezembro de 2021.

PEREIRA, Dilza Cassiano. Alunos com deficiência intelectual: aprendizagem e inclusão escolar em uma escola do município de Carinhanha-BA. 2015.

Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15420/1/2015_DilzaCassianoPereira_tcc.pdf>

Acesso em: 19 de janeiro de 2022.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. v. 10, n. 2, p. 53–66. Campinas, SP: **RDBC: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 2012.

DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>>. Acesso

em: 24 de janeiro de 2022.

PONCE, Felipe. **Ativismo digital na dislexia: Uma análise das**

narrativas digitais. São Paulo: Universidade de Presbiteriana Mackenzie, 2020.

Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/4425/5/FELIPE%20AFFONSO%20LLATAS%20PONCE.pdf>> Acesso em: 20 de agosto de 2021.

REIS, Marília Freitas. **Metodologia da Pesquisa**. 2ª edição. Curitiba:

IESDE Brasil S. A., 2010. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

REIS, N.M.M. **Declaração de Salamanca**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE,

A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.

Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em:

<<https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/114-1.pdf>>. Acesso em: 20

de novembro de 2021.

REIS, Alexandra pantana. **a importância do orientador educacional no**

processo de alfabetização de alunos disléxicos. 2018. Tese de Doutorado.

Universidade candido mendes. Disponível em:

http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/54937.pdf>

Acesso: 25 de fevereiro de 2022.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola:

identificação e possibilidades de intervenção. v. 33. 100 ed. Campinas: **Revista da**

Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2016. Disponível

em: <[http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/21/dislexia-na-escola--](http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/21/dislexia-na-escola--identificacao-e-poss)

[identificacao-e-poss](http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/21/dislexia-na-escola--identificacao-e-poss)>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

SALMÓRIA, Andreia. **A ação pedagógica nos processos do ensino e**

da aprendizagem, na alfabetização: implicações e desafios. Sul: UNOESC,

2012. Disponível em: <[http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9a](http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/683/221)

[npedsul/paper/viewFile/683/221](http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/683/221)>. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

SANTOS, Carmi; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento:**

conceitos e relações. Belo horizonte, 2007. Disponível em:

<<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/22.pdf>>.

Acesso em: 09 de janeiro de 2022.

SANTOS, Jucelio Soares dos. et. al. Proposta de um jogo educacional para alfabetização de crianças com dislexia. Congresso brasileiro de Informática na Educação. 10 p. Paraíba: **Anais do workshop de informática na escola**, 2014. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/3129/2637>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2022.

SILVA, Jousi Queila Souza. **A família e a escola no processo de inclusão de uma criança com dislexia**. Brasília: UNB, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15758/1/2015_JousiQueilaSouzaSilva_tcc.pdf>. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

SILVA, Jéssica Letícia da; MELO, Samara Cavalcanti da Silva. Dislexia e a alfabetização: reflexões sobre as publicações em periódicos nacionais. 114- 130 p. Pernambuco: **Revista Educação e (Trans)formação**, 2020. Disponível em: <<http://200.17.137.114/index.php/educacaoetransformacao/article/view/3204>>. Acesso em: 25 de agosto de 2021.

SOUZA, Paulo Venancio de; HERNANDES, Josiane Letícia; ANDRADE, Mariana A. B. Soares de; LABURÚ, Carlos Eduardo. **Multimodos e Múltiplas Representações como proposta didática embasada no conceito de rede**. 8 p. Santa Catarina: XI ENPEC, 2017. Disponível em: <<http://abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R1221-1.pdf>>. Acesso em: 02 de setembro de 2021.

TITONI, Cátia. **Dislexia na Educação Escolar: técnicas e metodologias para trabalhar como aluno disléxico**. PortoAlegre:UFRGS,2010. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39540/000823342.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

VIEIRA, Larissa de Souza; OLIVEIRA, Valdiléia Xavier de. A importância dos jogos e brincadeiras para o processo de alfabetização e letramento, 2010. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/PDF/ciencias_humanas/21_VIEIRA_OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 02 de setembro de 2021.